XXV CONGRESSO DO CONPEDI - CURITIBA

DIREITO, ARTE E LITERATURA

GRASIELE AUGUSTA FERREIRA NASCIMENTO

ANDRÉ KARAM TRINDADE

Copyright © 2016 Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Todos os direitos reservados e protegidos.
Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – CONPEDI
Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UNICAP
Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Ingo Wolfgang Sarlet – PUC - RS
Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim – UCAM
Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Maria dos Remédios Fontes Silva – UFRN
Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes – IDP
Secretário Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba – UFSC
Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Representante Discente – Doutoranda Vivian de Almeida Gregori Torres – USP

Conselho Fiscal:
Prof. Msc. Caio Augusto Souza Lara – ESDH
Prof. Dr. José Querino Tavares Neto – UFG/PUC PR
Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini Sanches – UNINOVE
Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva – UFS (suplente)
Prof. Dr. Fernando Antonio de Carvalho Dantas – UFG (suplente)

Secretarias:
Relações Institucionais – Ministro José Barroso Filho – IDP
Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho – UPF
Educação Jurídica – Prof. Dr. Horácio Wanderlei Rodrigues – IMED/ABEDi
Eventos – Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta – FUMEC
Prof. Dr. Jose Luiz Quadros de Magalhaes – UFMG
Profa. Dra. Monica Herman Salem Caggiano – USP
Prof. Dr. Valter Moura do Carmo – UNIMAR
Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr – UNICURITIBA
Comunicação – Prof. Dr. Matheus Felipe de Castro – UNOESC

D598

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UNICURITIBA;
Coordenadores: André Karam Trindade, Grasiele Augusta Ferreira Nascimento – Florianópolis: CONPEDI, 2016.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-5505-329-0
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: o papel dos atores sociais no Estado Democrático de Direito.

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Congressos. 2. Arte. 3. Literatura. I. Congresso Nacional do CONPEDI (25. : 2016 : Curitiba, PR).

CDU: 34

CONPEDI
Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito

Florianópolis – Santa Catarina – SC
www.conpedi.org.br

XXV CONGRESSO DO CONPEDI - CURITIBA

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

É com imensa alegria que o GT "Direito, Arte e Literatura" completa 10 anos, acompanhando a recente história, no Brasil, desse movimento mais amplo denominado Law and Humanities. Ao longo da última década, este GT contribuiu, significativamente, para o crescimento dos estudos e pesquisas em Direito e Literatura em todo o país, além de instigar outras aproximações: Direito e Cinema, Direito e Música, Direito e Arte. Trata-se, em suma, de um GT cujo objetivo é repensar o Direito sob outras perspectivas – sempre críticas, inovadoras e criativas –, sendo a interdisciplinaridade uma de suas principais características.

É nesse contexto, portanto, que lançamos esta obra, resultados dos trabalhos apresentados e discutidos no GT "Direito, Arte e Literatura", realizado durante o XXV Congresso do CONPEDI, no Centro Universitário Curitiba (UNICURITIBA), em Curitiba, de 7 a 10 de dezembro de 2016.

Composta por doze artigos, envolvendo pesquisadores de inúmeras instituições, o livro aborda as mais diversas questões jurídico-político-sociais por meio de narrativas literárias clássicas e regionais, obras de arte, documentários e filmes, marcados pela capacidade de promover uma reflexão crítica da sociedade contemporânea, além de discutir a utilização das artes, de um modo geral, como instrumento didático para a formação dos juristas.

Agradecemos aos autores e participantes do GT pelos artigos apresentados, parabenizando-os pela riqueza do debate que proporcionaram.

Profa. Dra. Grasiele Augusta Ferreira Nascimento - UNISAL

Prof. Dr. André Karam Trindade - FG/BA

1984 E O DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA

1984 AND THE VOLUNTARY SERVITUDE'S DISCOURSE

Loiane da Ponte Souza Prado Verbicaro
Ricardo Araujo Dib Taxi

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a perda da liberdade tal como trazida na obra 1984 do escritor britânico George Orwell. Para pensar as formas reais e simbólicas de servidão, será trazida também a noção de servidão voluntária desenvolvida por La Boétie. As obras de Orwell e La Boétie, como se argumentará, porquanto escritas em séculos distintos, permitem que se perceba que a questão da perda da liberdade não é um ato nem voluntário nem involuntário, mas se situa justamente nesse meio termo, pensando os mecanismos pelos quais os seres humanos vão sendo levados a preferir o caminho de servidão.

Palavras-chave: 1984, Liberdade, Servidão

Abstract/Resumen/Résumé

This paper aims to discuss the loss of freedom as it was developed by the author George Orwell in 1984. To shed light on the real and symbolic forms of servitude, the research will also bring the notion of voluntary servitude developed by La Boétie. The works of both Orwell and La Boetie, as it will be argued, though written in different centuries, allow us to realize that the loss of freedom is neither an act voluntary nor involuntary, but lies precisely in this middle ground, on the mechanisms through which human beings are being driven to prefer a servitude

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: 1984, Freedom, Servitude

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é debater, a partir de reflexões trazidas na obra 1984 do escritor britânico George Orwell, os mecanismos de controle social e os cerceamentos reais e simbólicos de liberdade que permeiam a sociedade contemporânea.

A hipótese a ser desenvolvida será a de que um dos elementos fundamentais que permeiam a reflexão crítica em torno da liberdade consiste precisamente perceber em que medida somos cotidianamente sufocados, aprisionados, condicionados a um pensamento uniformizador sem que isso seja exatamente perceptível. Em outras palavras, trata-se de discutir os mecanismos que nos levam à servidão. Servidão essa que pode ser involuntária ou mesmo voluntária e que, em muitos casos, nos conduz a uma zona de conforto e prazer. Como nas palavras de Manuel João Gomes, escritas no prefácio à obra "Servidão Voluntária" de *La Boétie*: "a alienação é demasiado doce e a liberdade demasiado amarga". (GOMES. In: BOÉTIE, 2016, p. 14).

Para tal pensamento, a obra de Orwell é sem dúvida uma fonte privilegiada. Ali, o controle sobre os indivíduos não se dá somente de modo imediato e palpável, como por meio de câmeras, microfones e toque de recolher, mas também por meios mais sutis, como a alteração da linguagem (a palavra liberdade não significa mais o que significa para nós) o apagamento do passado, a destruição da arte etc. É exatamente esse nível mais sutil, que se poderia chamar "simbólico", que interessa sobremaneira aqui.

Para que tal discussão possa se tornar mais frutífera, é preciso primeiramente abandonar a visão superficial de que a obra de Orwell é uma ficção, uma mera distopia coletiva (ou contrautopia) que diz respeito a um futuro sombrio que nunca chegou, que se trata de um alerta para a raça humana. Tal leitura costuma enxergar o livro como um pesadelo, que provoca um fascínio estético, mas que não possui consonância alguma com a realidade.

Ao contrário disso, buscar-se-á mostrar, como fez por exemplo Eric Fromm em comentário a respeito da obra, que o mundo para o qual aponta Orwell é muito mais próximo de nós do que imaginamos. Tal como no realismo kafkiano, trata-se se uma perspectiva que parece distante e surreal, mas que na verdade quer mostrar algo que está à nossa frente, mas que não nos é perceptível, seja porque está velado, seja porque já se tornou a tal ponto cotidiano que foi naturalizado.

Para discutir o problema da presente pesquisa, que é o da liberdade e da servidão à tirania e, de modo extensivo, a servidão à esferas subliminares e implícitas de poder, o trabalho, por intermédio de pesquisa teórica e bibliográfica envolvendo reflexões literárias, jurídicas e

filosóficas, analisará a obra de George Orwell, à luz do "Discurso da Servidão Voluntária" de *La Boétie*, para entender os mecanismos de dominação, de negação da liberdade e de aceitação acrítica da tirania que nos é imposta e que, no limite, acaba convertendo-se em instrumento de alienação e de sedução ao lançar-nos em uma zona de afável conforto proporcionado pela obediência à decisão do outro, exatamente porque retira de nós o fardo do vazio existencial proporcionado pela liberdade. Nesse sentido, o trabalho analisará a liberdade humana que acaba convertendo-se no seu reverso, quando os indivíduos livres (e esse é o traço que o diferencia do mundo da natureza) derradeiramente decidem em servir e ajoelhar-se perante a autoridade incontestável do poder.

1 UMA BREVE AMBIENTAÇÃO DE 1984

Trata-se de um dos maiores clássicos da literatura moderna sobre a dominação nefasta do poder totalitário, o que nos permite lê-lo à luz do livro de *La Boétie*, que é um dos mais fortes, contundentes e subversivos hinos à liberdade humana, contra a servidão em todas as esferas da vida, não concentrando-se, portanto, à dominação do Estado, mas incluindo todas as formas, mesmo subliminares, de adesão à tirania dos costumes, dos valores, dos padrões estabelecidos que, igualmente, conduzem à servidão voluntária.

A obra de Orwell se centra na vida de Winston, funcionário do partido que simula uma vida regrada e serviente aos propósitos do partido, mas desde o primeiro capítulo do livro, vemo-lo pegar seu diário e escrever "*abaixo o grande irmão"*. Na verdade, conforme o livro avança, percebemos que o protagonista odeia o partido e tudo o que seu mundo se tornou. Possui lembranças vagas do passado, mas busca desenfreadamente por provas ou relatos que possa usar para saber como era o mundo antes da dominação do partido.

Nesse movimento de busca, duas outras personagens se tornam centrais na obra. Uma delas é uma moça chamada Julia, que parece abnegada à ideologia do partido, mas que depois vem a se revelar subversiva. A outra personagem é um sujeito chamado O´Brien, membro do alto escalão do partido, mas que por alguma razão parece aos olhos de Wintson como dotado de um olhar de cumplicidade. Wintson sente que O´Brien lhe olha como se tivesse querendo dizer que está do seu lado, que entende o que o outro sente e que também odeia o grande irmão. Conforme a história avança, Winston se envolve amorosamente com Julia, passando a se encontrar frequentemente em um esconderijo que acreditam ser seguro, numa casinha de um dos proletas (classe mais baixa, a qual sequer é vigiada pois aos olhos do partido não possuem qualquer possibilidade de virem a se rebelar).

Posteriormente, O´Brien se mostra também como um membro da resistência contra o partido. Chama Winston e Julia para uma reunião secreta, na qual apresenta o *modus operandi* da resistência e dá as coordenadas para a entrega de um grande livro que contém os meandros da ideologia do partido. Winston começa a ler desenfreadamente tal obra mas não chega a termina-la, pois seu esconderijo se revela uma cilada. O homem que dizia ser um proleta e dono do antiquário em que alugava o quarto era um alto membro da polícia das ideias, que imediatamente prende os dois. Na prisão, ambos são torturados de maneira desumana, até que, finalmente, confessam o crime. A obra termina com Winston sendo solto e tornando-se quase que um espectro ambulante, já sem nenhuma emoção, sem oferecer nenhum risco. Ele e Julia voltam a se encontrar, mas, como já estão totalmente desenraizados de sua outrora tão cara humanidade, mal se falam e logo se despedem.

Com essa descrição, nota-se que o libro 1984 trata de uma distopia (utopia negativa – que representam o contrário de horizontes igualitários ideais. Inversão das promessas utópicas ao prodigalizar guerra, escassez e tirania) onde os seres humanos são aprisionados na engrenagem de uma sociedade completamente dominada pelo Estado, em que há uma ênfase ao coletivo, com a negação da individualidade e a imposição de uma vida solitária e controlada pela vontade do grande irmão. É importante registrar que as sociedades ditatoriais são exatamente aquelas que pretendem anular o indivíduo em nome do coletivo, ao impedirem os indivíduos de participar livremente da esfera pública, contestando o governo e interferindo em seu caminho. A ênfase no coletivo, nos moldes visualizados na obra, provoca a perda da identidade individual, a uniformidade de opinião, pensamento e ideologia, resultando em solidão, em negação da privacidade, do amor, da amizade e, no caso extremo, em robotização, é dizer, na perda da humanização e sua conversão em um simulacro de ser humano.

Seguindo essa lógica, as mulheres do partido não podiam maquiar-se, perfumar-se e nem personalizar seu vestuário, como garantia da padronização da vida simbolicamente representada nos uniformes usados. Nesse mundo descrito por Orwell, o indivíduo deve reconhecer-se e fundir-se ao partido para ser poderoso e imortal, por meio não da adoração de si, da família, dos seus amores e amantes, mas da adoração ao grande irmão: adoração ao partido, às canções, aos desfiles, bandeiras, marchas, palavras de ordem de exaltação à força incontestável e adorável do poder onisciente e onipresente do líder semidivino, infalível do grande irmão.

Nesse ambiente de 1984, a existência de um inimigo era estratégica: Goldstein, o traidor contrarrevolucionário. Todos os crimes contra o partido, todas as perfídias, sabotagens, heresias, todos os desvios eram resultado direito de sua pregação. Diante do inimigo, havia um frenesi

contínuo de ódio aos inimigos e traidores. Essa estratégia do medo e da criação do inimigo externo serviu e ainda hoje serve para alimentar governos tirânicos e justificar políticas mais radicais e as mazelas internas. Nesse sentido, Orwell descreveu com minúcia de detalhes os dois minutos de ódio. Era o momento mais pleno de embotamento coletivo involuntário e até mesmo voluntário da consciência por intermédio de um ruído rítmico de ódio e rejeição ao inimigo e, como consequência, de adoração e exaltação ao líder do partido. Referido partido, chamado IngSoc, é governado por uma figura mítica, que jamais aparece em carne e osso, e que funciona como algo que se assemelhe a um pai protetor. Trata-se do Grande Irmão (*Big Brother)*, representando por um rosto de cerca de 45 anos, branco e com um bigode cheio, que decora panfletos gigantes por toda a cidade.

Momento emblemático de controle da vida e do pensamento era representado pela teletela[1] que transmitia e recebia simultaneamente imagens e sons dos lares e inclusive da vida íntima dos indivíduos. "O grande irmão está de olho em você". Esse patrulhamento transformou-se em hábito que, por sua vez, converteu-se em instinto de acreditar que todos os gestos, sons e pensamentos estariam sendo vigiados meticulosamente. Essa onda de pânico, contemporaneamente representada pelos atentados terroristas, impulsiona a busca cada vez maior por segurança, o que acarreta, consequentemente, a valorização de informações sobre a intimidade das pessoas, culminando em diversos mecanismos de vigilância e controle sobre a sociedade contemporânea.

No afã de promover a dominação total do pensamento, a novafala ou novilíngua exerciam papel fundamental. Tratava-se de um projeto de purificação da língua, de diminuição da linguagem para estreitar o âmbito do próprio pensamento. Evitar inexatidão e nuances de significados. Todos os significados deveriam ser rigidamente definidos, completando-se a revolução quando a linguagem estivesse perfeitamente condensada e simplificada. Isso porque, como diria Wittgenstein, os limites da linguagem são os limites do mundo e, nesse sentido, afirma: "o pensamento, a linguagem aparecem-nos como único correlato, a única imagem do mundo." (WITTGENSTEIN, 1996, p. 62). A redução das palavras conduz à redução do pensamento e, consequentemente, à ampliação do poder e da dominação.

Sobre o projeto de construção de uma nova língua é ilustrativo o excerto:

> A décima primeira edição é a edição definitiva. Estamos dando os últimos retoques na língua – para que ela fique do jeito que há de ser quando ninguém

[1] O partido instalava tanto nas ruas como nas casas de todas as pessoas uma série de câmeras denominadas teletelas, por meio das quais era possível ver e ouvir tudo o que as pessoas fazem, controlando absolutamente o seu dia a dia, mesmo quando estão dormindo. O sono era inclusive a hora mais perigosa, pois excessos, pesadelos ou sussurros inconscientes contra o partido eram muito mais letais do que comportamentos no estado de vigília. O menor movimento em falso era sinal de suspeita e ocasionava a prisão e a posterior execução ou desaparecimento.

> mais falar outra coisa. Depois que acabarmos, pessoas como você serão obrigadas a aprender tudo de novo. Tenho a impressão de que você acha que nossa principal missão é inventar palavras. Nada disso! Estamos destruindo palavras – dezenas de palavras, centenas de palavras todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao osso (ORWELL, 2009, p. 67)

Sobre a linguagem e seu caráter constitutivo do ser humano, conta-se que, muitos judeus, em seu retorno à Palestina após a segunda guerra mundial, encontravam-se em uma situação bastante peculiar no que diz respeito à sua língua. Tendo nascido e crescido na língua alemã, que agora deixava de ser sua língua materna pois era a "língua dos assassinos", eram obrigados a falar o hebreu, uma língua na qual tudo soava como uma ordem a eles. Desenraizados de sua língua materna e sem ter outra forma de se expressar, guardavam-se ao silêncio. Como lembra Claudine Haroche, um desses judeus, de nome *Appelfeld*, em uma entrevista concedida no final da década de 80, afirma que "um homem que perde sua língua materna está mutilado para a vida. Do que foi ele privado? Da inocência, de um sentimento de segurança perdido para sempre. No que consiste esta mutilação (*infirmité*)? Na destruição dos mecanismos de defesa". (HAROCHE, 2013, p. 218).

Winston Smith, o protagonista da obra de Orwell, encontra-se em uma situação semelhante à descrita acima. Vive em um mundo dominado por um encurtamento avassalador da linguagem, das representações pelas quais o ser humano se reconheceu em outros tempos. Uma das maneiras mais eficazes que o partido encontra para controlar a vida das pessoas consiste justamente em destruir as palavras, e sobretudo as mais importantes, como liberdade, democracia etc., pois se as pessoas não souberem mais o significado de tais palavras, não saberão julgar algo como antidemocrático ou como autoritário.

Com efeito, um dos principais elementos que engrandecem a leitura política de Orwell consiste justamente em perceber as formas mais sutis, menos escancaradas, nas quais a liberdade é cotidiana e paulatinamente tolhida até que o humano seja retirado do homem. Como afirma Eric Fromm, 1984, de George Orwell, é a expressão clara de um sentimento e uma advertência. O sentimento que expressa é de quase "desespero acerca do futuro do homem, e a advertência é que, a menos que o curso da história se altere, os homens do mundo inteiro perderão suas qualidades mais humanas, tornar-se-ão autômatos sem alma, e nem sequer terão consciência disso*"* (FROMM. In: ORWELL, 2009, p. 365).

Nesse mundo, impunha-se uma ortodoxia política a todos. Ortodoxia no sentido contemplado na obra de não pensar. É a inconsciência pura. Toda a engrenagem do Estado e as pessoas em geral controlavam a adesão ao sistema. Era comum que os filhos entregassem os pais. Um tique nervoso, uma respiração mais acelerada, batimento cardíaco, um olhar inconsciente de

ansiedade, uma expressão inadequada no rosto eram em si infrações passíveis de castigo. E na maioria dos casos não havia sequer julgamento e nem registro de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam. O indivíduo era cancelado, aniquilado, despersonalizado, vaporizado. Havia casos de enforcamento como um espetáculo popular (punições exemplares). Nesse mundo, nenhum serviço era eficiente, exceto a polícia das ideias, que tinha como escopo realizar o controle das ações e do pensamento dos desviados.

Nesse ambiente tirânico, reinava a ausência de Estado de Direito – não havia legalidade. "Nada era ilegal, visto que já não existiam leis" (ORWELL, 2009, p. 17). A ordem era a vontade, às vezes compreendida por mera especulação, emanada do grande irmão. Escrever em um diário, comprar um singelo bloco de papel poderia ser punido com a morte ou com 25 anos de prisão em algum campo de trabalho forçado. Falar com os proletas e frequentar pubs era uma atitude inusitada e perigosa, mesmo que não houvesse nenhuma norma expressa que as proibisse. Não havia certeza da criminalidade do ato, mas uma especulação conduzida por um instinto de perseguição e de criminalização generalizada das ações humanas que não fossem aquelas rigorosamente impostas pela rotina repetitiva e linear dos aparelhos estatais. Além da criminalização como regra e da presunção de culpabilidade, havia crueldade e desproporcionalidade das penas.

O duplipensamento era a estratégia de "defender ao mesmo tempo duas opiniões que se anulam uma a outra, sabendo que são contraditórias e acreditando nas duas". No exemplo dessa estratégia de apresentar ideias contraditórias entre si e de promover a confusão e aceitação, o partido defendia que era preciso acreditar que a democracia era impossível e, ao mesmo tempo, que o partido era o guardião da democracia. Tratava-se de um mecanismo de induzir conscientemente a inconsciência e depois tornar-se inconsciente do ato de hipnose realizado pouco antes. (ORWELL, 2009, p. 48).

Na organização do poder por meio dos ministérios, em que os súditos do grande irmão tornam-se tiranos de outros indivíduos, demonstrando a cascata de poder e de tirania evidenciada em "O Discurso da Servidão Voluntária" de *La Boétie*, havia o Ministério do Amor, responsável pela prática da tortura. Era responsável pela manutenção da lei e da ordem e pelo estímulo à perda do vínculo familiar e do amor conjugal. Todo amor ao partido, pregava o ministério, que propagava a liga juvenil antissexo e o celibato. O sexo era tolerado com prostitutas para dar vasão aos impulsos. A devassidão enquanto tal não preocupava muito, desde que fosse furtiva e sem alegria e envolvesse apenas mulheres necessitadas que não suscitassem senão desprezo. A intenção era impedir os laços de amor e lealdade entre as pessoas e eliminar o prazer sexual, que vinha invariavelmente carregado com o enorme fardo da culpa.

Os casamentos entre os membros do partido deveriam ser aprovados por uma comissão e havia a recusa quando o casal dava sinais de atração física. O único propósito do casamento, quando aceito, era gerar filhos para servir ao partido. Amar e desejar eram crime. Pregava-se a abolição do orgasmo. O único riso permitido era o de triunfo ante o inimigo derrotado. O sentimento de felicidade e realização limita a participação do indivíduo nos projetos do partido. Existia uma clara relação entre castidade e ortodoxia política. Isso porque estabelecer uma relação é fazer do outro um ser único, especial, insubstituível, é o oposto do homem massificado. O amor é instável, desestabiliza e talvez seja por isso que se apaixonar seja tão subversivo nas distopias. Não era apenas que o instinto sexual criasse um mundo próprio fora do controle do partido. O mais importante era que a "privação sexual levava à histeria, desejável porque poderia ser transformada em fervor guerreiro e veneração ao líder" (ORWELL, 2009, p. 84, 161).

Indo ao encontro do controle total do indivíduo, o Ministério da fartura ou pujança era o responsável pelas questões econômicas. Estabelecia números forjados de produtividade para esconder a escassez. As estatísticas eram incrivelmente favoráveis. Não havia comida suficiente, roupas, moradia. O pão era escuro, o chá uma raridade, o café tinha um gosto asqueroso, nada era barato e abundante, exceto o gim sintético. Havia desconforto, sujeira e escassez. A bebida era um anestésico da amargura, desgraça e solidão da vida.

O Ministério da verdade era o responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes. Toda verdade é controlada pelo partido e, nesse sentido, havia um falseamento da verdade, a mutabilidade do passado. Dia a dia, minuto a minuto o passado era atualizado e era impossível provar a falsificação. Isso porque aquele que controla o passado, controla o futuro; aquele que controla o presente controla o passado. O passado era anulado e o ato de anulação era esquecido. A mentira se tornara verdade. Tudo o que poderia lançar alguma luz sobre o passado era sistematicamente alterado. Se tanto o passado como o mundo externo existem apenas na mente e se a própria mente era controlada, então não havia liberdade para dizer que dois mais dois são quatro. Dois mais dois são cinco porque o partido quer que seja cinco e isso é razão suficiente para que de fato seja cinco. O controle do pensamento e da consciência era total. O partido aniquila, promove uma dessubjetivação ao entrar e controlar a mente, os sentimentos. A realidade existe apenas na mente do partido, que é coletiva e imortal. Tudo o que o partido reconhece como verdade é verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do partido.

A história se interrompeu. Nada existia além de um presente no qual o partido tinha sempre razão. A memória histórica dá vida e liberta. O indivíduo que conhece o passado, conhece e recupera a sua própria identidade e com ela recupera e aperfeiçoa seu poder de linguagem, de

comunicação, sua capacidade de chegar onde deseja. E essa capacidade foi drasticamente interrompida nesse mundo de Orwell.

O Ministério da paz era responsável pela guerra. Investir na máquina de guerra para evitar que os recursos fossem gastos em políticas públicas para erradicar a fome, o analfabetismo, a doença. O esforço de guerra justifica os sacrifícios nas outras áreas e o não investimento nas áreas sociais que impede a abolição das hierarquias sociais (estrutura piramidal). Distribuir riquezas e investir em políticas sociais adequadas é uma maneira de criar condições para que os indivíduos questionem o *status quo.* Uma sociedade hierarquizada e com concentração de poder em uma pequena casta só é possível em um mundo de pobreza e ignorância. E a economia de guerra favorece esse desiderato. O ato essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é uma forma de despedaçar materiais e recursos que, não fosse isso, poderiam ser usados para conferir conforto às massas e, a longo prazo, torna-las inteligentes. Nesse ambiente de guerra, todo avanço científico destina-se a promover a redução da liberdade humana e a descobrir o que o indivíduo está pensando através de expressões faciais, gestos e tons de voz. Trata-se de uma economia justificada única e exclusivamente por uma atividade contínua de guerra

Para Winston, personagem que luta contra o sistema mas, ao final, adere à sua força incontrastável, a única esperança de luta estava nos proletas, 85% da massa de pessoas desatendidas pelo Estado. Para o partido, eram alienados e, por isso, fácil mantê-los sobre controle. No final, após passar por tortura e um intenso processo de esquecimento das ideias críticas ao Estado, Winston amava o grande irmão e acreditava que dois mais dois são cinco. No final, os mecanismos de controle e manipulação transformaram os indivíduos em inumanos, sem desejo de liberdade, dignidade, amor, o que nos conduz à conexão com o desejo, mesmo que involuntário, em servir.

Durante toda a obra, sobretudo se considerarmos que Orwell é muito mais genial como analista político ou mesmo sociólogo do que como novelista, é possível antever esse desfecho. O livro fornece pistas a todo momento de que aquela luta é inútil, de que do momento em que a humanidade se permite tamanho controle, já não há mais volta. Sabemos desde o começo que a luta de Winston Smith é inútil, que ele mesmo já está muito distante da liberdade que acredita ter, e apenas não aceita que o condicionamento e a vigilância já tomaram conta da sua vida. Se contrastarmos o estado em que vive tal sociedade com o que acreditamos viver, a sociedade no livro não vive em rebelião ou em descontentamento, mas aceita sem maiores problemas, salvo raríssimas exceções, os movimentos totalizantes e castradores realizados diariamente pelo partido. Seu triunfo final foi justamente esse: tornar a restrição da liberdade tão natural que ela não seja

mais sequer percebida ou mesmo que a liberdade não seja sequer desejada, o que nos torna servos de maneira voluntária, nos moldes apresentados no "Discurso da Servidão Voluntária" de *La Boétie*.

A construção dessa distopia parece absurda. Entretanto, o que Orwell nos mostra é que a própria capacidade crítica pode ser relativizada e reduzida a partir dos métodos corretos. E o presente trabalho explorará exatamente o fato de que tais métodos entram em curso sem que isso seja diretamente perceptível, tornando inclusive doce a servidão e até mesmo amarga a liberdade.

2 A DOCIALIDADE DA SERVIDÃO E A AMARGURA DA LIBERDADE

La Boétie inicia o seu "Discurso sobre a Servidão Voluntária" denunciando como ilegítimo o poder tirânico exercido sobre os homens. Denuncia a irracionalidade e a estupidez da obediência à tirania e aponta a servidão como uma doença coletiva e um vício incurável. O autor francês do século XVI questiona o quanto de voluntário há na sujeição das massas ao poder tirânico, o quanto de aberrante e perverso há nessa entrega dos indivíduos à crueldade do poder autocrático.

Ao prefaciar a referida obra, Manuel João Gomes afirma tratar-se de um texto "insubstituível para os que, no cotidiano, detectam os sinais da manipulação autoritária de todos os poderes, que cada vez mais recorrem a coisas como a moral, a religião, os arcaísmos patriótico-familiares e outros tabus". Segue afirmando que "hoje mais do que ontem, a liberdade individual é só aquilo que o poder, através de suas máquinas de propaganda, houver por bem considerar liberdade". (GOMES. In: BOÉTIE, 2016, p. 14).

Segundo La Boétie, é digno de espanto ver milhões de homens

> a servir, miseravelmente curvados ao peso do jugo, esmagados não por uma força maior, mas aparentemente dominados e encantados apenas pelo nome de um só homem cujo poder não deveria assustá-los, visto que é um só, e cujas qualidades não deviam prezar, porque os trata desumana e cruelmente. (BOÉTIE, 2016, p. 18)

O autor critica esta desgraça de vício em que um número infinito de pessoas se prestam não só a obedecer, mas a servir, absolutamente tiranizadas por um só. Segundo defende, o poder será destituído no dia em que o país se recusar a servi-lo. "Não é necessário tirar-lhe nada, basta que ninguém lhe dê coisa alguma". Nesse sentido, "não é preciso que o país faça coisa alguma em favor de si próprio, basta que não faça contra si próprio". São os próprios povos que se deixam oprimir, pois deixariam de sê-lo no dia em que deixassem de servir. "É o povo que se escraviza, que se

decapita, que, podendo escolher entre ser livre e ser escravo, se decide pela falta de liberdade e prefere o jugo" (BOÉTIE, 2016, p. 22).

Ao pensar a obra 1984 à luz da filosofia de La Boétie, a imagem dos *proletas* é certamente o que primeiro vem à tona, especialmente quando, no capítulo 7 da primeira parte, Orwell enfatiza exatamente a curiosa contradição decorrente do fato de os proletas representarem 85% da população e serem tão inofensivos a ponto de sequer precisarem ser vigiados. Se quisessem um dia se rebelar contra o grande irmão, "bastava que se sublevassem e se sacudissem, como um cavalo se sacode para expulsar as moscas. Se quisessem, podiam acabar com o partido na manhã seguinte" (ORWELL, 2009, p. 89).

No entanto, ao contrário de gritarem contra o poder que os subjuga, os proletas não conseguem pensar em nada que não seja fútil e imediatista, pensam e brigam entre si por uma série de fatos triviais de seu dia, porém todos os fatos relevantes estavam fora do alcance de sua visão.

No entanto, como lembrado na introdução no tocante ao caráter realista da obra, será mesmo que as características imputadas aos proletas só a eles se dirigem? Será que a crítica da falta de percepção em perspectiva, da perda de vista de tudo o que é importante em nome de trivialidades inúteis não aponta exatamente para aqueles que se acham esclarecidos e que, olhando os proletas como que de cima para baixo, não percebem que na verdade os proletas somos todos nós?

Em resposta a tal sujeição, propõe *La Boétie* ao povo para que tomai a resolução em não mais servir para que seja livre. Não é necessário, para tanto, empurrar ou derrubar o tirano, bastando tão-somente que não se lhes apoie. O que surpreende é ver o povo, uma vez subjugado, cair pacificamente em tão profundo esquecimento da liberdade. E isso é fomentado pela força do costume e do hábito, que têm o poder de nos ensinar a servir, como bem provam os cavalos que ao "princípio mordem o freio e acabam depois por brincar com ele; e os mesmos que se rebelavam contra a sela acabam por aceitar a albarda e usam, muito ufanos e vaidosos, os arreios que os apertam". (BOÉTIE, 2016, p. 38)

Sob a servidão, os homens se tornam covardes e tíbios. Sem valentia, ousadia ou intrepidez. Escravizam-se e passam a servir docemente o poder, sob o auxílio de festas, jogos, farsas, espetáculos, exaltações e entretenimento.

Em todo caso, se no mundo de 1984 é possível perceber de forma crua a maneira como a raça humana caiu nessa espécie de servidão voluntária, o ponto mais interessante trazido por Orwell para iluminar essa perspectiva parece consistir justamente na maneira pela qual essa servidão é construída, mantida e mesmo reforçada.

Em primeiro lugar, não seria plausível dizer que o livro relata a história de um povo que por si próprio escolheu o caminho da servidão e da obediência, pois tal leitura olvidaria toda a estrutura de poder que corroeu durante décadas os costumes na sociedade do Grande Irmão. Por outro lado, também não seria acertado dizer que se trata de uma servidão forçada, quase que uma escravidão, mantida pelo chicote e por ameaças diretas. Contra essa segunda leitura fala exatamente o fato de a grande maioria das pessoas da sociedade orwelliana de fato amar o grande irmão, a ponto de doutrinarem seus próprios filhos, que passam desde pequenos a ser marionetes do partido, denunciando à morte os próprios pais.

Quando nos perguntamos, nesse sentido, quais as táticas usadas pelo partido para incutir o espírito de servidão no povo, encontramos alguns elementos que certamente tornam 1984 um livro assustadoramente atual.

Em primeiro lugar, salta aos olhos desde o começo a superexposição de uma figura carismática, nos moldes weberianos, segundo a qual o poder baseia-se "na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa". (WEBER, 2004, p. 141). Conforme vai ficando explícito ao longo do livro, A figura do Grande Irmão não corresponde a um líder de fato, mas se encontra ali para simbolizar uma figura paterna, com a qual o povo possa se identificar enquanto símbolo individual, no qual se possa confiar. "O Grande Irmão está de olho em você" (ORWELL, 2009, p. 12) torna tal figura praticamente teológica, como um verdadeiro deus que tudo vê e que, nesse sentido, sabe de todos os erros mas também de todas as aflições.

Também não poderia deixar de ser citada a questão do medo. A todo tempo o partido incute na população a informação de que estão em guerra, de que o perigo de morte é iminente, de modo que apenas confiando e obedecendo ao partido é que poderá haver paz. O próprio racionamento de comida e de todos os bens fundamentais, que ocorre obviamente por interesse do próprio partido, corrobora com o espírito de medo.

Se é verdade que o medo leva facilmente ao descontrole e ao ódio, à ânsia de uma reação de defesa muitas vezes violenta, em 1984 o medo é milimetricamente administrado pelo partido em conjunto com o ódio. Logo no primeiro capítulo, o protagonista é submetido em seu trabalho a um ritual diário chamado "dois minutos de ódio", no qual a figura de Emanoel Goldstein, considerado o inimigo central do partido, surge na teletela anunciando os piores despautérios, como a pregação de paz com o inimigo, a queda do partido, a desgraça do povo etc. Nesses dois minutos, os músculos dos telespectadores chegam se enrijecer em meio a gritos alucinados de ódio, que findam com a face calorosa do Grande Irmão, que restaura a calma.

A linguagem, já salientada na introdução, também não pode deixar de ser mencionada. Um dos elementos centrais de impulso à servidão perpetrados pelo partido consiste exatamente em condicionar a linguagem para um significado que por si só já induz à servidão.

Isso ocorre primeiramente por meio de uma quebra total de correspondência da linguagem com qualquer entidade real[2], passando aquela a ser descaradamente vista como um elemento que pode ser plenamente manipulável, torcido ao sabor dos interesses do partido. Em seguida, as palavras são cuidadosamente metamorfoseadas para perderem completamente o seu potencial emancipatório. As palavras liberdade, verdade, escravidão etc. são todas alteradas e têm seu significado original soterrado, de forma que não sabendo mais o que significou um dia ser livre, ninguém sentirá falta da liberdade.

Por fim, muito embora outros elementos ainda pudessem ser apontados, é necessário falar da perda dos impulsos humanos. O sexo com prazer é sumariamente proibido, as comidas que o partido fornece não tem gosto algum, como também a bebida não tem. Comodidades simples são completamente destituídas, como se o partido estivesse canalizando toda a pulsão da população para o ódio ao inimigo e aos traidores, que estão sempre em todo lugar.

No meio de todos esses elementos, o protagonista aparece como símbolo da raça humana lutando pela liberdade, de uma raça que, embora já tendo perdido parte de sua humanidade, ainda luta, mostrando que mesmo nessa sociedade da servidão e da apatia ainda existe algo de humano que luta para triunfar, como que representando um sopro de esperança nutrido pelo escritor.

Posteriormente, contudo, fica-se sabendo que a luta é inútil. Após ser torturado de todas as formas, Smith finalmente tem toda sua humanidade retirada, e a perde justamente quando perde a vontade de ser livre. Termina o livro feliz em servir, lagrimando de felicidade ao finalmente perceber todo o consolo que vem quando se ama e confia no grande irmão. Winston morre amando o grande irmão. A luta pela liberdade termina lhe parecendo um mal entendido desnecessário (ORWELL, 2009, p. 346).

Voltando a La Boétie, em análise de sua obra feita pelo antropólogo francês Pierre Clastres, lê-se que a pior constatação possível é que os homens obedecem, não apenas forçados ou constrangidos, não sob o efeito do terror, não por medo da morte, mas voluntariamente. “Obedecem porque têm vontade de obedecer, vivem na servidão porque a desejam”. E essa é a nova apresentação do homem: “desnaturado, mas ainda livre, visto escolher a alienação. Estanha síntese,

[2] É controverso afirmar em que medida se pode ler em 1984 uma visão da linguagem como correspondência entre pensamento e realidade, correspondendo a um realismo filosófico. Muito embora tal discussão não seja o propósito da presente pesquisa, é inegável que em determinados momentos o texto parece mostrar o caráter pragmático da linguagem como uma subversão levada a cabo pelo partido.

impensável conjugação, inominável realidade. A desnaturação, consecutiva ao infortúnio, engendra um homem novo, um homem constituído de tal modo que nele a liberdade dá lugar à vontade de servidão". (CLASTRES. In: BOÉTIE, 2016, p. 72, 73), como o lugar mais afável, tranquilo e doce, em oposição à amargura da liberdade.

CONCLUSÃO

Os Discurso da servidão voluntária, escrito por volta de 1546, pelo francês *Étienne de La Boétie*, amigo de *Montaigne*, consolida nos seus escritos uma honra à liberdade contra os tiranos, procurando compreender as causas da sujeição dos povos e, sobretudo, por que a sujeição se transforma tantas vezes em servidão. Exprime uma forte intuição que fora e persiste sendo reiterada e, lamentavelmente, confirmada: a intuição de que o tirano é tudo e tudo pode porque é sustentado pela passividade de todos. Mas, relembrando as palavras do autor, "se o povo o abandonasse, perderia todo o poder, e, na mesma hora, não seria mais nada". Pelo fato de o próprio povo "fazer ou desfazer o tirano, ele faz sua servidão ou sua liberdade" (GOYARD-FABRE, 2003, p. 111).

O poder repousa, portanto, sobre fundações populares. A força de sua recusa em servir permite que o povo reconquiste o seu poder, que recupere a dignidade política e social que é próprio do poder malsão querer aniquilar e arrebatar. No entanto, como constatado pela análise da obra 1984, o povo dobra-se ao jugo até ser bestificado e acomoda-se, docemente, à servidão, ao ponto de naturalizá-la. Nesse sentido, *La Boétie* aponta para um anseio obscuro do ser humano, geralmente inconfesso, mas ainda assim bastante presente tanto em sua época como hoje, que é a sedução exercida pelos tiranos. O poder, ao mesmo tempo em que tiraniza, seduz. Há um forte poder de sedução exercido pelo tirano ao tiranizado. A tirania seduz tão facilmente sobretudo porque retira o indivíduo do "fardo insuportável" que é a vida em liberdade, que o atira em um vazio de sentido, ao chamá-lo à atuação responsável sobre sua própria vida e sobre o impacto das suas decisões na vida individual e coletiva. Como nos alertou Sartre, séculos depois de *La Boétie,* os homens são condenados à liberdade. E essa liberdade, ao nos incitar a fazer escolhas para a construção da nossa própria vida e história, longe de nos tornar felizes, nos atira em um abismo indescritível de amargura. Ser livre nos torna responsáveis pelas nossas escolhas e talvez seja por isso que a decisão em servir seja tão sedutora e atraente.

O livro 1984 nos incita a essa discussão. Trata-se da aceitação pacífica da tirania, o que aponta à sedução que o tirano exerce sobre os tiranizados, que passam a obedecer e a adorar as ordens impostas pelo poder tirânico, revestido de uma áurea mágica de fetichismo e encantamento

sobre os súditos pacíficos e passivos, ocupados, tão-somente com as trivialidades banais de suas rotinas anestesiantes. A angústia que a liberdade provoca converte-se na mansidão e na docialidade de servir, gerando, com isso, a perda progressiva e não percebida da liberdade.

Em linhas conclusivas, ao contrário da imagem usual de que o livro 1984 seria uma abordagem crítica ao comunismo, no contexto localizado da guerra fria, ao propor a superação da ideologia comunista, o trabalho enfrentou a contundente atualidade da obra de Orwell, ao lê-la a partir da vontade de servir que se renova ao longo dos séculos. E essa era a pista apresentada por *La Boétie* no século XVI e, séculos depois, confirmada por Orwell em 1984.

Essa constatação nos leva a finalizar o trabalho com as palavras do antropólogo francês Pierre Clastres, para quem: "perdendo a liberdade, o homem perde a sua humanidade. Ser humano é ser livre, o homem é um ser-para-a-liberdade" (CLASTRES. In: BOÉTIE, 2016, p. 66). Nesse sentido, conforme as ideias de *La Boétie*, utilizadas por Winston no início do livro de Orwell, mas logo aniquiladas pelos mais distintos mecanismos de poder até converter-se em uma doce servidão, que sejamos resolutos em não servir! Só assim se é livre!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária.** Lisboa: Antígona, 2016.

CHAUI, Marilena. **Contra a servidão voluntária.** Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

CONSTANT, Benjamin. **Da Liberdade dos antigos comparada à liberdade dos modernos.** Discurso pronunciado no Athénée Royal de Paris, 1819.

CLASTRES, Pierre. Liberdade, Infortúnio, Inominável. In: BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária.** Lisboa: Antígona, 2016.

FROMM, Erich. Posfácio. In: BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária.** Lisboa: Antígona, 2016.

GOMES, Manuel João. Prefácio difícil apesar da ajuda de Montaigne. In: BOÉTIE, La. **Discurso sobre a servidão voluntária.** Lisboa: Antígona, 2016.

GOYARD-FABRE, Simone. **O que é a Democracia?** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAROCHE, Claudine. **Desvio do pensamento e da cultura nas novilínguas.** Ágora (Rio de Janeiro) v. XVI n. 2 jul/dez 2013 217-234

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SARTE, Jean-Paul. **A Náusea.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, Jossé (org.). **Democracia Hoje. Novos Desafios para a Teoria Democrática Contemporânea.** Brasília: UNB, 2001.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade.** Brasília: UNB, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 1996.